

Passeio selvagem

A visão encontra-se em todos os ares.

Rimbaud

Recolher, separar, reunir. Verbos que vêm à tona quando em contato com pinturas, colagens, fotografias e objetos escultóricos de Raquel Nava (Brasília, 1981), obras que provocam reflexão sobre a responsabilidade do artista¹. Há aqui muito de escolha e compreensão, na tentativa de extrair emoções a partir de materiais e objetos transfigurados. Onde muitos identificam o desejo de chocar como inerente à expressão da artista, observo agudo senso de responsabilidade no convite para um passeio por terrenos onde pulsação selvagem impõe-se à cena de criação.

Dimensão animal instaura-se nas fotografias e nos objetos, composições cromáticas organizadas que transformam o rude no estético. Minhocas, conchas, penas de avestruz, cabeças de tucano, ratos, tatu bola, pele de raposa e crânios de coelhos, jacaré e patos e patas de vacas são associados a produtos industrializados – cano de PVC, escovas, globo terrestre, toalha de plástico e cuias de chimarrão – para criação de metamorfoses que tornam visível o invisível: a facilidade com que o humano se apropria de restos de outros animais. Na vasta fauna alimentada pela artista, no seu peculiar gabinete de curiosidades, o sentido de humor possibilita que o sensível se torne supersensível.

A prática de Raquel encontra ecos em tradição iniciada pelos artistas dadaístas, que utilizavam objetos prosaicos para efetuar justaposições incomuns, e nas pinturas combinadas dos expressionistas abstratos norte-americanos. Experiências que radicaliza ao preferir lidar com a idéia da decomposição, expondo curiosa empatia por corpos frios. Instaura assim contraposições entre o natural e o produzido em série, o vívido e o estático, eliminando classificações e prospectando inconsistências.

Nas pinturas que exalam poder e tensão, reencontramos a dimensão animal como alegoria de gênero. À tinta acrílica, Raquel acrescenta pigmentos de carmim, resíduo obtido por ela após a maceração de cochonilhas, minúsculos insetos-corantes. Em suas primeiras pinturas, o vermelho sintético possuía intensa radiância e exprimia agressiva potência. Nas telas atuais, matiz rosa-tênue instala-se no branco expandido, rebelando-se contra a tinta acrílica e o esmalte sintético, produtos que, normalmente, predominam sobre outras tonalidades. A ênfase no processo operacional coloca-nos novamente diante da singular derivação de uma artista que insiste em contrastar a hierarquia da natureza, aquilo que é, versus a artificialidade programada, o que se projeta como sendo.

Conduzida com docilidade pelos materiais, Raquel não desenha o que deseja criar. Sobrepõe e extrai massas de tintas, inverte posições na hora da secagem, deixa bolhas virarem volumes, incorpora folhas de alumínio – luminosidade que embrenha-se em todas as obras apresentadas² – e acrescenta objetos, como a pele de vaca instalada sobre a tinta preta do quadro-vitrine. Nessas superfícies intensas e vitais, paisagens inesperadas por darem a sensação de inacabado, ela devolve-nos também à antiga questão – a arte é o que um faz ou o que um vê?

¹ Baseio-me no texto *La responsabilidad del artista*, de Jean Clair. Madrid: Vidor, 1998.

² O uso do material indica diálogo com o artista Nelson Felix, que utilizou folhas de alumínio em alguns trabalhos. Em sua dissertação de Mestrado, Raquel detalha outros pontos de confluência com a obra dele.

Pulsações que se ampliam na série de desenhos em que a dimensão animal retorna, agora sob o uso metonímico do papel de embrulho cor de carne. No suporte barato, muito usado em açougues do passado, ela organiza composições usando o bastão de pastel a óleo. Traços soltos, orgânicos, que espalham no ar emaranhados de beleza agreste. Na busca por definir uma atitude frente ao mundo, a força da obra de Raquel Nava radica na recusa em abandonar o confronto com as asperezas do real, reunindo saberes e sensações na tentativa de chegar à alguma substância das coisas e dos seres.

Graça Ramos